

# O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO NA FILOSOFIA DA RAZÃO VITAL DE ORTEGA Y GASSET

*Danilo Santos Dornas<sup>1</sup>*

## RESUMO

Neste trabalho, examinamos quais são os aspectos da Filosofia da Educação segundo o pensador espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955). Adicionalmente, procuramos compreender qual a postura do educador e do educando nesse modelo teórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Educação. Raciovitalismo.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pedagogia é a ciência que investiga os pressupostos teóricos da educação. Para pensá-la, valemo-nos das indicações do pensador espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955). O que caracteriza o pensamento de Ortega y Gasset? Ele altera o rumo da indagação do que seja a realidade, ou o modo de considerar a razão de ser de tudo. Formulando um pensamento distinto do realismo antigo e do idealismo moderno, Ortega postula que não podemos pensar o mundo sem o Homem e nem este à parte do mundo. Ao abrir a compreensão da existência para um diálogo com a cultura e com o tempo, o filósofo espanhol nos fala da responsabilidade com o mundo a ser criado por nossas vidas. Essa forma orteguiana de pensar compromete o Homem com a explicação do mundo e dá significado à filosofia num tempo que precisou aprimorar os paradigmas que marcaram o modo de pensar nos últimos séculos. A filosofia proposta por Ortega contempla a responsabilidade de construir uma existência pessoal num mundo sem garantias e perigoso, numa história sem sentido prévio. Viver é abrir-se ao contato com os outros homens e com as coisas, é sair de si mesmo, é arriscar-se na construção do futuro. A filosofia orteguiana foi uma forma inovadora de pensar, colocando o fundamento na vida e transformando-a numa realidade capaz de alterar as circunstâncias e realizar a vocação de cada Homem.

---

<sup>1</sup> Pós-graduando (*lato sensu*) em Filosofia Contemporânea – Ética, pela Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ.

Neste trabalho, nosso objetivo é examinar os fundamentos da pedagogia raciovitalista, fundada por Ortega. Além disso, buscaremos compreender como os estudantes devem proceder dentro desse modelo educacional que lhes permitirá crescer como seres criativos. Indicaremos ainda como o educador, seguindo as indicações da educação raciovitalista, deve aprofundar os fundamentos das teorias pedagógicas do século XX, porque um educador tem que ser mais que um regulador ou transmissor daquilo que é preciso aprender numa certa circunstância. O educador deve ser capaz de atualizar as potencialidades do educando.

Nos últimos dois anos, nós nos dedicamos ao estudo de alguns aspectos da Filosofia de Ortega. Este trabalho, fez parte de um projeto maior sobre a **Filosofia da Educação** que desenvolvemos com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nos Programas de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), sob a orientação do Prof. Dr. José Maurício de Carvalho.

As referências principais para a realização deste trabalho foram as **Obras Completas**, de José Ortega y Gasset, editadas em Madri, pela Alianza. Além disso, valemo-nos dos seis números já editados da **Revista de Estudios Orteguianos** e das obras de Margarida I. A. Amoedo, intitulada **José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação**, editada em Lisboa, pela Estudos Gerais; e **Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset**, de José Mauricio de Carvalho, editada em Londrina, pela Cefil.

O estudo da obra orteguiana não pode ser realizado em nossos dias à parte do que sobre ele escreveram os principais comentadores. Entre os estudos mais conhecidos, queremos mencionar: **Acerca de Ortega**, de Julián Marías; **A Gratuidade ética de Ortega**, de Leopoldo Gonzáles. Além desses autores, consideramos as contribuições para o tema dos orteguianos brasileiros: Eis as obras mais significativas: **Ortega y Gasset, a aventura da razão; A pátria descoberta; Viver é perigoso; Discurso sobre a violência; O Ocidente e sua sombra; O Valor da Vida;** de Gilberto de Mello Kujawski. **A presença da moral na cultura brasileira e outros ensaios; Metamorfoses da Liberdade; A idéia de Liberdade no século XIX;** de Ubiratan Macedo. Além desses, referimos às obras de Nelson Saldanha: **Filosofia, povos, ruínas; Historicismo e Culturalismo e Pela Presença do Humano.**

## A INFLUÊNCIA DE HERBART

Ortega escreve seus trabalhos sobre pedagogia influenciado por Johann Friedrich Herbart (1776-1841). O ensaio herbartiano que influencia Ortega se intitula **Pedagogia General derivada del fin de la educación**. Neste texto, o filósofo explica que aquilo que chama sua atenção é o estudo da atividade educativa espontânea num regime científico.

Com esse ensaio de Herbart (ORTEGA Y GASSET, 1993, T. VII, p. 266), a pedagogia torna-se uma atividade prática. Dentre as teses principais ali propostas, destaca-se a que o mestre é obrigado a valer-se das evidências científicas para ensinar. Ortega critica esse entendimento de Herbart, por influenciar os métodos educacionais do seu tempo. Eis o que pensa: “não se exige que seja um físico para ensinar física, nem historiador para ensinar história. A única ciência especial que se exige para ensinar é a pedagogia”.

O que tornou a pedagogia uma atividade prática foi acreditar que seu significado é oferecer soluções para os problemas técnicos do homem. Para uma discussão das teses filosóficas que influenciaram o pensamento pedagógico de Herbart, Ortega refere-se à ética, que determina os objetivos da educação, e à psicologia, que regula os métodos a serem aplicados. Vejamos, a seguir, o que diz a respeito.

A psicologia recebe uma aplicação efetiva no sistema pedagógico. O “eu” visto por Herbart não é sinônimo da subjetividade moderna, mas traduz um complexo de representações. Deve-se observar que existe na pedagogia uma preocupação em demonstrar como é possível a variedade do fenômeno psíquico na unidade do “eu” por vias relacionais.

Este entendimento aponta para a consciência moral e estética. Para Ortega, a pedagogia guiada pelos ditames desta “psique” reflete o temperamento do século XVIII, cujos valores predominantes são: a serenidade e o racionalismo que culminaram num intelectualismo psicológico.

Já a ética de Herbart é importante por outras razões. Para Ortega, esta ética segue um caminho oposto ao seguido por Immanuel Kant (1724-1808). Esta diferença reside no propósito de Herbart em tratar a ética como uma fonte de ações boas. O “bom” é uma qualidade que força nossa aprovação, enquanto o “mau” força nossa reprovação. Isto significa que, para a concepção ética de Herbart, cada homem tem a capacidade para distinguir o “bom” e o “mau”, e esta capacidade não se funda na quantidade de conhecimento. O valor não se conhece, se reconhece, se aceita. Não é a razão, a ciência que podem dizer quais os valores são bons (positivos) e quais maus (negativos): o órgão para os valores é uma peculiar sensibilidade de aprovação ou desaprovação (ORTEGA Y GASSET, 1993, T. VII, p. 286).

Perceber o “belo” da realidade física é, para Herbart, um capítulo da ciência estética da sensibilidade. Desse modo, a operação científica transcreve os ditados do real em expressões conceituais. Para Ortega, esta forma de tratar o assunto sugere que o cientista deve perceber a realidade que está a sua volta para encaminhar os estudantes à maturidade. A maturidade se caracteriza pela capacidade de distinguir os valores verdadeiros e falsos.

## COMO SE PENSAVA A EDUCAÇÃO NOS TEMPOS DE ORTEGA Y GASSET?

Ortega apresenta suas idéias pedagógicas contrapondo-as às idéias educacionais, então vigentes. Naquele momento, as teorias da educação consagram o saber prático. Assim, verificamos que o principal problema educacional de sua geração é a conversão dos conceitos educacionais nos termos das ciências técnicas.

O problema da educação, nesse caso, é um problema de eliminação. Eliminação significa a capacidade de o Homem selecionar o que é essencial para sua vida, eliminando o que não é. As funções essenciais que o Homem deve perseguir são de ordem psíquica e é essa ordem que o distingue de uma máquina.

As máquinas são construídas para realizar algumas tarefas que cansam as pessoas. Para Ortega, as máquinas trabalham em limitadas condições e reduzem a atividade humana ao mínimo, impedindo distinção entre o vital e o operacional. Para o filósofo, é necessário distinguir a função vital e o substituto dela. Eis o que diz nos **Ensayos Filosóficos – Biología y Pedagogia**:

o uso da bicicleta é mero mecanismo e, portanto, menos vital que o uso do pé, tampouco este representa a vitalidade essencial, também é um mecanismo em comparação com outras funções biológicas primárias (ORTEGA Y GASSET, 1993, T. II, p. 276).

Ortega entende que ensinar o homem pelos modelos funcionais, como as teorias mecânicas então predominantes, não esclarece as realidades vitais do Homem. Quais são elas? Para o filósofo, são três: 1) a realidade mecânica ou técnica, que em seu conjunto chamamos de civilização e correspondem a montar uma bicicleta; 2) as realidades culturais do pensar científico, que se inserem numa vitalidade psíquica dentro de causas normativas, e é com esta que a pedagogia da razão vital deve se preocupar para que haja a capacidade do homem em eliminar o que é desinteressante de sua vida; e 3) os ímpetos originais da "psique", como as emoções. Essas três realidades distinguem os homens, mas são as raízes da existência pessoal. O erro das concepções pedagógicas de sua época foi supor que ensinando técnicas ao indivíduo iria dotá-lo de visão científica e de uma inteligência inquestionável.

## **A VIDA ESPONTÂNEA COMO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO**

Ortega, no ensaio intitulado **Biologia y Pedagogia**, explica que a missão da escola é preparar o Homem para a vida. Para isso, ele acrescenta, que as escolas precisam ensinar a educação cultural e a civilização para constituírem um instituto que permaneça idêntico desde os tempos remotos e estimular a criatividade para o educando enfrentar os problemas do futuro. Para o filósofo, é mais urgente e necessário preparar o homem para nossos desafios do que para repetir técnicas.

O ensino das técnicas é adequado apenas para quem quer se especializar numa função que não seja essencial para sua vida. Ortega explica que o ensino técnico é a principal forma de educar o homem de sua geração. A geração que antecedeu a sua preocupou-se com a exploração de minerais e, assim, com um objetivo limitado, não tinha um olhar mais aguçado para o futuro. Também ficou sem função a possibilidade de admirar ou contemplar o mundo, que está na raiz de todo conhecimento humano.

O estudo da realidade principia com um impulso inicial que é a admiração. Ortega nos lembra que a admiração fez mover a Filosofia desde suas origens gregas. O filósofo conclui que a admiração no povo grego nasce não só da sua cultura, mas também do desejo de riqueza, glória e sabedoria. Uma pedagogia, para ter sucesso, tem que sistematizar a vitalidade espontânea dos educandos. Para realizar essa tarefa, é necessário analisar, equilibrar e corrigir as deformações que surgiram na história.

Ortega entende que o homem não tem natureza, mas história. Por isso, contrapõe suas teses educacionais às de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), para quem a vida espontânea deve ser negada e a vida primitiva, valorizada. Entendemos que tratar o homem primitivo como selvagem, como fez Rousseau, significa fazer a distinção entre homem selvagem e homem civilizado a partir dos recursos técnicos que cada um dispõe para a sobrevivência. E isso consiste em admitir o progresso contínuo como processo único de construção do saber humano. Porém, essa teoria progressista não explica porque a origem da civilização aconteceu quando os homens primitivos sentiram a necessidade de organizar-se em comunidade.

Ao contrário do que entende Rousseau, Ortega diz que a educação nunca será uma ficção da natureza. O filósofo espanhol entende que entre os anos de 1850 e 1900, os pensadores definiram

que a vida essencial era a adaptação do homem ao meio em que ele se encontra. Essa característica atende somente à sua vida orgânica. Na passagem seguinte, Ortega sintetiza as conseqüências de semelhante modo de pensar “a mão, sobretudo no homem, é o órgão exemplar da adaptação criadora, que consiste em transformar proveitosamente o meio” (ORTEGA Y GASSET, 1993, T. II, p. 284).

A biologia refere-se à vitalidade como um processo de adaptação. Esse mesmo propósito orienta a psicologia, cuja vitalidade psíquica é inspirada na biologia orgânica do século XIX. As teorias biológicas e psíquicas daquele século entendem que a percepção do mundo circundante inicia-se num processo de adaptação do sujeito ao meio em que está situado. Esse processo relaciona a vida com o meio e é regido por ele. Porém, explica Ortega, ao penetrarmos fundo na alma humana, percebemos extratos profundos que dificultam entendê-la a partir de conceito de adaptação.

Para Margarida Amoedo, o conceito de “paisagem” que o filósofo apresenta, visa combater a categoria biológica de “meio”. Em nosso entendimento, o conceito de “paisagem” significa que cada espécie animal tem o seu lugar natural, embora o Homem viva em toda parte. O termo “paisagem”, além de diferir de “meio”, significa o conjunto das circunstâncias que o homem encontra em sua vida. Desse modo, “circunstâncias e paisagens” são ao mesmo tempo as limitações do Homem, mas abrem um conjunto de possibilidades, o impulsionando a sair destas circunstâncias.

Com o conceito de “paisagem”, podemos auferir as seguintes implicações pedagógicas: 1) o êxito da aprendizagem depende do uso de mecanismos adequados; 2) a compreensão da paisagem do indivíduo permite investigar seu potencial criador; e 3) educar deverá conduzir ao estabelecimento de paisagens novas.

## **A FORMA PSÍQUICA INADAPTADA E A PULSAÇÃO VITAL COMO SENTIMENTO DE VITALIDADE**

No item anterior, procuramos explicar em que consiste a adaptação e como o conceito foi introduzido nas teorias pedagógicas. Consideramos também que essas práticas educacionais suscitam dificuldades, porque não incentivam a criação humana. Agora, em contraposição ao que proclamam essas teorias, vejamos como Ortega aborda a forma psíquica como o que tipifica a vida humana.

Para levar adiante essa elucidação, recorreremos, às palavras: “querer e desejar”. O “querer” significa apropriar-se da realidade de algo e dos meios que se utiliza para fazer algo; o “desejar” implica em dar conta de que o desejado é relativo ou absolutamente impossível. Na criança, essa distinção não existe. Quando sua experiência lhe mostra o que é ou não possível, sua vontade vai se modificando entre o realizável e o irrealizável. A sua existência torna-se uma constante luta de fronteiras entre o “querer” e o “desejar”. Assim, o “desejo” é um “querer” fracassado. Porém, Ortega entende que é o “querer” que nutre o “desejo”, movendo-o e ampliando-o. Assim, o desejo é o motor dentro do universo psíquico porque por ele o Homem sente suas necessidades e se empenha em supri-las.

Ao olhar a esfera política, Ortega explica que o estado de barbárie resulta do triunfo do Homem que tem poucas necessidades. São as necessidades que abrem as possibilidades para que ele saia de suas circunstâncias pelo “desejo” e amplie os seus horizontes.

Uma pedagogia voltada para a adaptação do indivíduo ao meio exclui os desejos e se fecha a possibilidade do indivíduo realizar grandes feitos porque o desejo de ser diferente foi abafado. Assim,

os mestres cegam o indivíduo de suas possibilidades e de suas potencialidades criadoras. Uma pedagogia raciovitalista considera que o pensamento é a ação sobre a outra pessoa porque influi na relação com ela. Desse modo, a censura muitas vezes empregada pela pedagogia de adaptação pode nascer tanto do amor quanto do rancor pelo outro.

Para o filósofo, as emoções que sentimos na relação com o outro revelam nossas instâncias psíquicas e são elas que nos dirigem, nos alimentam, nos deprimem, mas que também nos são íntimas e podem nos nutrir. Essas emoções são influenciadas por uma dinâmica psíquica que varia entre os homens. Isso significa que o sentimento de vitalidade existente em cada homem parte de um pulso psíquico íntimo que o faz cada um experimentar os desafios de sua época.

Não há que se esperar valores éticos nos pulsos vitais, mas cabe ao homem assegurar sua saúde vital. Assim, a pedagogia deve preocupar-se em submeter a atividade educacional aos ditames do imperativo de vitalidade. O ensino fundamental, explica o filósofo, deve ter o objetivo de produzir o homem saudável. Isso quer dizer que o homem deve sentir sua pulsação vital já no período inicial da formação. Ortega ainda explica que as demais ciências, a moral, a técnica e o ideal de cidadania não devem consistir no ponto de partida da pedagogia raciovitalista, pois são preocupações posteriores do educando.

## **A IMPORTÂNCIA DOS MITOS NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**

Até aqui, identificamos o perfil da pedagogia raciovitalista; entretanto é ainda necessário abordar a questão dos mitos, porque ela interfere na educação fundamental. Na educação fundamental, o indivíduo necessita estar envolvido numa atmosfera de sentimento audacioso, ambicioso e entusiasmado. É aí que entram os mitos.

Uma pedagogia prática, certamente, desprezará o ensino dos mitos por considerá-los um emaranhado de imagens fantásticas e, em contraposição, procurará desenvolver uma idéia exata sobre as coisas. Essa pedagogia rejeita o papel que o mito possui e despreza a função interna que ele alimenta, sem a qual a vida psíquica fica paralisada. Ortega explica que o mito nutre o pulso vital e, por isso, o filósofo o denomina de “hormônio psíquico”. O filósofo acrescenta que, até o século XIX, o “meio” é a tradução do mundo físico-químico onde estão os indivíduos, e eles teriam que se adaptar a ele do melhor modo possível. Assim, a biologia transforma os fenômenos vitais em fenômenos mecânicos. As coisas, no entanto, não se relacionam por atividades mecânicas.

A dificuldade do ensino fundamental vigente é a suposição que os educadores fazem da vida educacional dos educandos. Eles pensam que os jovens possuem o mesmo mundo que eles, porque partem do próprio mundo como algo definitivo, pronto e acabado e o tornam como modelo. Entretanto, quem pensa desse modo esquece que a maturidade e a cultura são criações da criança e do selvagem. Para Ortega, a maturidade não é a superação da imaturidade, e sim uma interrogação da realidade que se apresenta ao indivíduo. Para o filósofo, a pedagogia de Rousseau se assemelha ao emprego de um método cruel, porque intenta suplantar a paisagem natural da criança com os elementos que rodeiam as pessoas maiores. O filósofo ainda explica que o homem é um conjunto de órgãos seletos que interferem na realidade circundante; porém, o “meio” depende não só de sua estrutura corporal, mas também da estrutura psicológica. Por isso é importante ensinar os mitos aos jovens, para que ele possa exercitar sua pulsação vital.

O jovem imagina uma realidade ilusória e, por isso, sua educação vai se consolidando na medida em que as interrogações vão perdendo as ilusões. Esse processo de desilusão inicia-se quando a razão começa a operar em torno do novo objeto. Todo empenho da razão será guiado pela vontade de saber e obter uma noção exata do objeto. A razão quer elaborar uma cópia intelectual que a transcreva como o objeto aparece. Para Ortega, não há nada que chegue até nós num primeiro instante e que não nos cause uma dupla reação: história e lenda. A lenda ocupa tanto nossa paisagem que até mesmo a ciência pode ser incorporada nela. Essa maneira de entender é uma crítica ao positivismo, que é exemplo de uma grande exaltação à ciência. O que o positivismo fez foi criar uma nova religião que acredita haver suplantado as demais religiões.

## O ATO DE ESTUDAR NA PEDAGOGIA RACIOVITALISTA

Até aqui, apresentamos os principais conceitos da pedagogia raciovitalista. Passamos agora a considerar o perfil do estudante e o ato de estudar. Para o filósofo, o ato de estudar consiste na constante busca da verdade. Sendo assim, a verdade é o fator que acalma a inquietude de nossa inteligência. Nessa perspectiva, Ortega explica que o saber deixa de ser científico. Isso ocorre também com a metafísica. Para quem não vê a necessidade da metafísica, os seus assuntos consistem num falatório sem sentido.

Para compreender o sentido dos discursos metafísicos, não precisamos de nenhum talento ou sabedoria inata, mas de uma condição fundamental: investigar para que ela serve. Ortega entende que para aceitar sua necessidade deve-se reconhecê-la como um sentimento próprio e, da mesma forma, possuir uma necessidade das coisas que nos chegam da realidade. Assim, percebemos que a necessidade de conhecer é o motor que precisamos para buscar a descrição das coisas que nos chegam.

Nesse processo de conhecimento, ainda cabe examinar a questão: o que é o estudante? O estudante é um ser humano a quem a vida não impõe a necessidade das ciências. O estudante encontra a teoria e é estimulado a aprendê-la. Em contrapartida, está aquele que cria a ciência, pois o cientista sente uma necessidade vital com seu trabalho. Desse modo, não é o desejo que resulta no saber, mas a necessidade em saber. Podemos ainda completar que o desejo não existe sem que exista uma coisa desejada; ao contrário, a necessidade é percebida quando uma carência brota na alma e precisa ser preenchida.

O estudante tenderá a não questionar o conteúdo da ciência que lhe foi comunicada. Ao contrário, quando está diante de um conceito determinado se sente acomodado e amparado pela teoria e passa a crer que ela é definitiva, pronta e acabada. Existe uma outra questão que deve ser analisada. Ortega indaga se, caso a ciência não estivesse aí, o estudante sentiria a necessidade dela. Para responder, o filósofo explica que a situação de estudante é artificial, ele apenas finge a necessidade. Portanto, o ideal é que o estudante alimente um sentimento que brota na sua alma com o intuito de desbravar os diversos saberes. Mas estudar tem sido em nossa cultura a obrigação de se interessar pelo que não interessa.

O perfil do criador, para Ortega, sustenta-se na curiosidade. Em Martin Heidegger (1889-1976), a palavra "curiosidade" possui um sentido que parece adequado ao que Ortega quer exprimir. Para Heidegger, "curiosidade" se origina na palavra "cura", que significa "cuidado" ou "preocupação". Assim, um homem cuidadoso faz tudo com atenção e extremo rigor e se preocupa com sua ocupação. Ortega entende que o vício do homem é fingir o cuidado, ou seja, ser incapaz de autêntica preocupação.

Através da curiosidade se instala a preocupação com a ciência e aí o homem revela sua sincera preocupação necessária, imediata e autônoma. O estudante que não sente essa curiosidade vive fraudando sua própria existência.

## A EDUCAÇÃO PARA OS JOVENS

Os ensinamentos de Ortega para educação infantil foram tema de um breve ensaio intitulado **Para Los Niños Españoles**, contido nas **Obras Completas**, Tomo IX. Nesse ensaio, o filósofo explica que as crianças devem saber apenas fazer a distinção entre os diversos tipos de homens e isso não se faz com exercício ou adestramento. Como é que se aprende a diferenciar os homens? Do mesmo modo que se aprende a fazer outras formas de discriminação.

O pintor chega a notar a diferença entre as cores que aos demais parecem iguais. O músico distingue as mais leves divergências entre os sons. Para o colecionador de vinhos não há vinhos iguais. A palavra “sábio” significa um princípio que distingue os sabores (ORTEGA Y GASSET, 1993, T. IX, p. 437).

Para Ortega, a vida social depende que um povo saiba distinguir os homens e não confunda os ignorantes com os inteligentes. É a maturidade a responsável por essa distinção. A partir dela é possível aos jovens estudantes conduzirem suas vidas sabiamente.

As propostas pedagógicas para os jovens estudantes são em síntese as seguintes: a) não encontrar a verdade na opinião vulgar; b) evitar o contágio de informações, evitar a verdade que outra pessoa transmite; c) O valor intelectual e o valor moral são a mesma coisa. Com essas propostas, espera Ortega que a formação dos jovens possa melhorar o futuro, pois eles se tornarão investigativos, críticos e não se diluirão nas massas que dão o perfil da sociedade do seu tempo. Com esse método, espera o filósofo solucionar os problemas que afligem sua geração.

## A EDUCAÇÃO PARA O FUTURO

A idéia sobre a educação pede uma teoria filosófica fundamental. No entendimento de Ortega, o ponto de partida para consolidar uma filosofia da educação é a identificação do paradigma filosófico que a rege. E esta tentativa de identificação do modelo filosófico vigente esbarra na diversidade dos sistemas filosóficos presentes em cada momento. Compreendendo as diversidades filosóficas que Ortega elucida, as soluções dos problemas pedagógicos se tornaram mais claros.

Para Ortega, a filosofia é o que permite entender o Homem e o mundo. Entretanto, em cada sociedade existe uma pluralidade de interpretações do mundo e do homem. Assim, a diversidade filosófica apresenta-se em duas dimensões: a) a extensão de cada uma das filosofias no corpo social revela a cultura específica na qual ele se insere; e b) o grau de divergência e incompatibilidade entre os sistemas filosóficos abre espaço para o surgimento de uma nova Filosofia. Esclarecer estas questões é o primeiro passo para entender o homem e o mundo. É esse o propósito da educação raciovitalista.

No texto **Apuntes Sobre uma Educación para el Futuro**, Ortega explica que o Cristianismo dividiu a Europa, produzindo a guerra das religiões. Porém, o cansaço dessa luta estimulou a tolerância religiosa como meio de apaziguar os conflitos. A tolerância, por sua vez, alimentou o



racionalismo do século XVIII. Já o racionalismo propôs modificar radicalmente o Estado com um método revolucionário. Esse método consistia em acreditar que a cultura e as ciências levavam à plenitude do homem. Essa busca da plenitude culminou no socialismo do século XX, cujas teses eram fundamentadas na reclamação dos trabalhadores contra o Estado e num convite para se associarem com trabalhadores de outras nações, fazer a revolução e achatar todos os homens, culturas a um único fio histórico. Para Ortega, o que caracteriza essa redução do processo histórico é a necessidade de extremismo dos homens.

Os extremismos em que o homem mergulha desde os tempos medievais refletiram nos mais variados objetos do pensamento filosófico. A arte, a técnica, a política, as ciências e a educação se tornaram confusas com o radicalismo e sentem-se incapazes de estabelecer uma filosofia da educação que acompanhe o desenvolvimento humano em sentido pleno.

Para esclarecer em que consiste uma Filosofia da Educação, o filósofo sugere que se investigue todas as questões que envolvam e problematizem o homem e seu tempo. Porém, devem-se evitar as disciplinas científicas que incluam a noção de progresso. Isso porque, Ortega entende que tais discursos são conseqüências do positivismo francês que é limitado do significado das ciências.

Portanto, a educação para o futuro deve possuir um fundamento filosófico profundo para que não fique distante da realidade vivida. As tentativas de extremismos foram responsáveis pelo distanciamento do homem e do mundo e cabe aos homens de hoje formular uma Filosofia da Educação que supra as necessidades de sua sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, examinamos a importância das contribuições da filosofia raciovitalista para a educação. As teses educacionais se fundam nos problemas encontrados pelo filósofo ao contrapor as práticas educativas puramente técnicas vigentes em sua época e que se inspiravam nos pensadores do século XIX, sobretudo nas concepções idealistas e positivistas. Essas práticas compreendiam o Homem como um ser que se adapta ao meio e, assim, tratavam a vida humana como algo que se restringe ao orgânico.

Diversamente, a educação raciovitalista compreende o Homem como um ser além de suas limitações orgânicas. Ele é um ser que possui pulsão psicológica e nutre o desejo de conhecer com a realidade vital. Os aspectos psicológicos sofrem influxo da pulsação vital que impulsiona o homem para além de suas circunstâncias e precisam ser considerados pelas teorias educativas.

Para que haja a expansão desse pulso vital, o educador deve se valer dos mitos, porque são eles os principais recursos para ensinar as virtudes necessárias para a sobrevivência de uma comunidade. Os mitos não são simples lendas, são "hormônios vitais" que ajudam o homem a exercer sua atividade criadora; ela alimenta a audácia, a coragem e a ambição necessárias para a vida. Os mitos devem ser ensinados ao jovem para que ele cresça sem se fixar em verdades prontas e desenvolva o gosto pela pesquisa e busca da verdade.

O estudante, formado neste processo de constante indagação, se transforma num pesquisador. Assim, segue a vida pela eterna busca do saber. A educação, assim vista, significa a ação de extrair uma coisa de outra, de converter uma coisa menos boa em outra melhor.

## THE PROBLEM OF EDUCATION IN ORTEGA AND GASSET'S REASON PHILOSOPHY

### ABSTRACT

In this paper, we examine the aspects of the Philosophy of Education by Spanish thinker José Ortega y Gasset (1883-1955). Additionally, we try to comprehend the teacher and student's position in relation to this theoretician model.

**KEY-WORDS:** Philosophy. Education. Ratiovitalism.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOEDO, M. I. A. El papel de la Universidad contra la Barbarie. **Revista de Estudios Orteguianos**. Tomo II. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, p.111-118, 2001.

\_\_\_\_\_. **José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da razão**. Lisboa: Estudos Gerais, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

CARVALHO, J. M. Lições de Ortega sobre a vida humana. **Ética e Filosofia Política**. Juiz de Fora: UFJF, 1996. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Contribuição contemporânea à história da Filosofia brasileira**. Londrina: Eduel, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Filosofia da razão vital de Ortega y Gasset**. Londrina: Cefil, 2002.

COMTE, A. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: M. Fontes, 1990.

GONZÁLEZ, L. J. F. **A gratuidade na ética de Ortega y Gasset**. São Paulo: Annablume, 2001.

HEIDEGGER, M. **Conferências e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUJAWSKI, G. M. **Ortega y Gasset e a aventura da razão**. São Paulo: Moderna, 1994.

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre a violência**. São Paulo: Soma, 1985.

\_\_\_\_\_. **A pátria descoberta**. Campinas: Papyrus, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Ocidente e sua sombra**. Brasília: Letrativa, 2002.

\_\_\_\_\_. **O valor da vida**. Brasília: Letrativa, 1999.

LAVEDÁN, M. I. F. La docilidad de las masas en la teoria social de Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**. Tomo II. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, 2001.

LEDESURE, F. El moral radical. **Revista de Estudios Orteguianos**. Tomo II. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, 2001.

MACEDO, U. **A Filosofia de Ortega y Gasset**. In: A presença da moral na cultura brasileira e outros ensaios. Londrina: Eduel, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Idéia de liberdade do século XIX**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997.

MARIAS, J. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Acerca de Ortega**. Madrid: Espasa-Calbe. 1991.

- MARX, K. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A Rebelião das massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Discursos políticos**. Madrid: Alianza, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Missão da universidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- \_\_\_\_\_. **España invertebrada**. Madrid: Alianza, 2000.
- \_\_\_\_\_. Objeto y las tres distancias de este. **Obras completas**. Tomo II. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Ensayos Filosóficos: Biología y Pedagogía. **Obras completas**. Tomo II. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Mirabeau, el político. **Obras completas**. Tomo III. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Sobre el estudiar y el estudiante. **Obras completas**. Tomo IV. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. La Rebelión de las masas. **Obras completas**. Tomo IV, Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Ideas y creencias. **Obras completas**. Tomo V. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Que és Filosofia? **Obras completas**. Tomo VII. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. El hombre y la gente. **Obras completas**. Tomo VII. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. ¿Qué es Filosofia? **Obras completas**. Tomo VII. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Una interpretación de la história universal. **Obras completas**. Tomo IX. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Apuntes sobre una educación para el Futuro. **Obras completas**. Tomo IX. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Para los niños españoles. **Obras completas**. Tomo IX. Madrid: Alianza, 1993.
- \_\_\_\_\_. Origen y epílogo de la filosofía. **Obras completas**. Tomo IX. Madrid: Alianza, 1993.
- PAIM, A. **Do socialismo à social democracia**. Rio de Janeiro: T. Brasileiro, 2002.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- SALDANHA, N. **Filosofia, povos, ruínas**. Rio de Janeiro: Caliban, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Historicismo e culturalismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- SEVILLA, J. M. Ortega y Gasset e la idea de Europa. **Revista de Estudios Orteguianos**. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, 2002. v. 3.
- STHEEMAN, L. G. La etimología como estratégia retórica en los textos políticos de Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**. Tomo I. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, 2000.
- VIEJA, M. T. L. de la. Democracia y masas en Ortega y Gasset. **Revista de Estudios Orteguianos**. Tomo I. Madrid: Fundación José Ortega y Gasset, 2000.